

Oralidade, tradição e o ensino de filosofia

Orality, Tradition, and the Teaching of Philosophy

Oralidad, Tradición y la Enseñanza de la Filosofía

Dayane Lays dos Santos Cardial¹

Resumo: Este artigo aborda a importância da oralidade e da tradição no ensino da filosofia. O objetivo principal é investigar como essas práticas têm moldado o desenvolvimento do pensamento filosófico e sua relevância no contexto educacional contemporâneo. A metodologia envolve uma análise bibliográfica das tradições orais em diversas culturas filosóficas, destacando exemplos históricos e contemporâneos. Os resultados mostram que a oralidade continua a ser uma ferramenta vital para a transmissão de conhecimentos filosóficos, adaptando-se às novas tecnologias e contextos culturais. Conclui-se que a valorização da oralidade no ensino da filosofia pode enriquecer a prática pedagógica e fortalecer a formação crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Oralidade; Tradição; Ensino de filosofia; Pensamento crítico.

Abstract: This article addresses the importance of orality and tradition in the teaching of philosophy. The main objective is to investigate how these practices have shaped the development of philosophical thought and their relevance in the contemporary educational context. The methodology involves a bibliographical analysis of oral traditions in various philosophical cultures, highlighting historical and contemporary examples. The results show that orality continues to be a vital tool for the transmission of philosophical knowledge, adapting to new technologies and cultural contexts. It is concluded that valuing orality in the teaching of philosophy can enrich pedagogical practice and strengthen the critical training of students.

Keywords: Orality; Tradition; Teaching of philosophy; Critical thinking.

Resumen: Este artículo aborda la importancia de la oralidad y la tradición en la enseñanza de la filosofía. El objetivo principal es investigar cómo estas prácticas han moldeado el desarrollo del pensamiento filosófico y su relevancia en el contexto educativo contemporáneo. La metodología implica un análisis bibliográfico de las tradiciones orales en diversas culturas filosóficas, destacando ejemplos históricos y contemporáneos. Los resultados muestran que la oralidad sigue siendo una herramienta vital para la transmisión de conocimientos filosóficos, adaptándose a las nuevas tecnologías y contextos culturales. Se concluye que la valorización de la oralidad en la enseñanza de la filosofía puede enriquecer la práctica pedagógica y fortalecer la formación crítica de los estudiantes.

Palabras clave: Oralidad; Tradición; Enseñanza de la filosofía; Pensamiento crítico.

1 INTRODUCÃO

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Maranhão (2014). Pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Estadual do Piauí (2016). Pós-graduação em Psicopedagogia clínica e Institucional pelo Instituto de Ensino superior Franciscano (2016). Graduação em Geografia pela UNIFAVENI (2024). Mestranda no mestrado profissional em ensino de filosofia- PROFFILO.

Compreender a oralidade no pensamento filosófico requer uma visão aprofundada de seu papel ao longo da história e de sua evolução até os dias atuais. Desde os primórdios da filosofia na Grécia Antiga, a oralidade foi o principal meio de transmissão de conhecimento e de debate de ideias. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles utilizaram amplamente o discurso oral como forma de engajar os estudantes e o público em discussões filosóficas, estabelecendo as bases para a tradição dialógica que ainda influencia o ensino e a prática filosófica contemporânea (Souza, 2022). A tradição oral na filosofia antiga não se limitava à Grécia. Em outras partes do mundo, como na Índia e na China, a oralidade também desempenhava um papel central na transmissão do conhecimento filosófico. Textos sagrados como os *Vedas* e os *Upanishads* na Índia, e os ensinamentos de Confúcio na China, foram transmitidos oralmente por gerações antes de serem compilados em forma escrita. Esta prática garantiu a preservação dos ensinamentos e a possibilidade de adaptação e interpretação contínua das ideias filosóficas (Da Silva; Soares, 2020).

Com a invenção da escrita e a subsequente disseminação de textos filosóficos, a dinâmica da transmissão do conhecimento mudou, mas a importância da oralidade não foi totalmente eclipsada. No período medieval, por exemplo, as universidades europeias utilizavam disputas e debates orais como principais métodos pedagógicos. Estas práticas, conhecidas como *disputationes*, eram fundamentais para a formação intelectual e para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Dessa forma, a oralidade continuava a ser uma ferramenta vital na educação filosófica (De Souza; Alves, 2024). Na era moderna, a tradição oral encontrou novos espaços e formas de expressão. Filósofos como Immanuel Kant e Friedrich Hegel realizaram extensas palestras e seminários, onde discutiam suas ideias com estudantes e colegas. Esta prática tanto facilitava a disseminação de suas teorias, quanto permitia um engajamento direto e imediato com diferentes interpretações e críticas. A interação face a face proporcionada pela oralidade era vista como um componente necessário para a compreensão e o avanço do pensamento filosófico (Souza, 2022).

Nos tempos contemporâneos, a oralidade mantém sua relevância, especialmente em um mundo cada vez mais digital e interconectado. Formatos como *podcasts*, vídeos *online* e conferências virtuais expandiram significativamente o alcance das discussões filosóficas. Filósofos contemporâneos utilizam essas plataformas para disseminar suas ideias a um público global, democratizando o acesso ao conhecimento e fomentando uma cultura de debate e reflexão crítica que transcende as barreiras geográficas e culturais (Ferreira; Pereira, 2023). Dentro do contexto acima, o presente trabalho busca responder qual a importância da oralidade e da tradição no ensino da filosofia? Para tal, o objetivo geral deste artigo busca investigar e analisar a importância da oralidade e da tradição no ensino da filosofia, destacando como essas práticas têm influenciado e moldado o desenvolvimento do pensamento filosófico ao longo da história e sua relevância contínua no contexto educacional contemporâneo. Os

objetivos específicos buscam definir e destacar a importância da oralidade, além de destacar o papel da tradição oral na filosofia antiga, abordar a questão da influência da oralidade no pensamento filosófico e, por fim, destacar e pontuar a visão da tradição oral segundo o filósofo Hampate BÁ.

O presente trabalho é justificado pela relevância e pela necessidade de uma compreensão mais aprofundada da influência da oralidade no ensino e na prática da filosofia. A escolha do tema surge da observação de que, apesar do avanço tecnológico e da predominância da escrita e das mídias digitais, a tradição oral continua a desempenhar um papel significativo na transmissão e na preservação do conhecimento filosófico. Dessa forma, este trabalho busca explorar como a oralidade se integra e se adapta aos contextos contemporâneos, mantendo sua importância histórica e pedagógica. Do ponto de vista acadêmico, o estudo da oralidade no pensamento filosófico é preciso para entender as metodologias de ensino e as práticas pedagógicas que moldaram a filosofia ao longo dos séculos. Ao analisar a tradição oral, é possível identificar os métodos dialógicos utilizados por filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, e compreender como esses métodos continuam a influenciar o ensino filosófico atual. Além disso, a investigação sobre a oralidade contribui para a preservação e valorização das práticas filosóficas não ocidentais, enriquecendo o campo acadêmico com uma perspectiva mais diversa e inclusiva.

No âmbito político, a oralidade na filosofia tem implicações significativas para a formação de cidadãos críticos e engajados. A prática do diálogo e do debate, características fundamentais da tradição oral, promove o desenvolvimento de habilidades argumentativas e de pensamento crítico, essenciais para a participação ativa na vida democrática. Filósofos contemporâneos que utilizam a oratória para abordar questões de justiça social, direitos humanos e democracia demonstram como a oralidade pode ser uma ferramenta poderosa para mobilizar a sociedade e influenciar políticas públicas. Assim, este trabalho destaca a importância da oralidade não só como uma técnica pedagógica, mas enquanto um meio de fortalecer o engajamento cívico e a ação política.

Este trabalho foi elaborado a partir de pesquisas e análises baseadas nas bibliografias existentes sobre a área temática e na prática de sua atuação. Utiliza-se critérios de citação, pesquisas relacionadas ao tema, publicações que trazem o tema em questão e trabalhos que não trazem o tema, além de textos traduzidos, artigos e citações. O objetivo do estudo foi estabelecer se o material selecionado contribuiu ou não para o alcance dos objetivos especificados. Também foram listados os nomes e anos de publicação das fontes utilizadas para embasar esta pesquisa. Por fim, uma leitura analítica foi usada para organizar todas as informações adquiridas para resolver o problema em questão.

2 DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE

A oralidade pode ser definida como a prática de transmitir conhecimentos, histórias, valores e tradições através da fala e esta forma de comunicação foi de grande importância ao longo da história humana, permitindo a preservação de culturas e saberes antes da invenção da escrita. No contexto da

filosofia, a oralidade desempenhou um papel importante, especialmente em sociedades antigas, onde os ensinamentos eram passados de mestre para discípulo através de discursos e diálogos (De Brose, 2020). A importância da oralidade na filosofia é destacada pela figura de Sócrates, que não deixou escritos próprios, mas cujos pensamentos e métodos de ensino foram registrados por seus discípulos, principalmente Platão. Sócrates acreditava que a filosofia deveria ser um exercício vivo de diálogo, onde as ideias são constantemente questionadas e refinadas através da interação verbal. Este método socrático de ensino continua a influenciar a prática pedagógica até hoje. Além de Sócrates, outros filósofos gregos como Aristóteles também valorizaram a oralidade. Embora Aristóteles tenha escrito extensivamente, ele conduzia suas aulas na forma de discussões e debates, incentivando seus alunos a participar ativamente e a desenvolver habilidades críticas. Assim, a oralidade servia como um meio de transmissão de conhecimento, assim como quanto uma ferramenta para o desenvolvimento do pensamento crítico e da argumentação (De Brose, 2020).

Ademais, a oralidade é particularmente significativa em contextos onde a escrita não está amplamente disseminada. Em muitas culturas indígenas, por exemplo, a transmissão oral de conhecimentos é essencial para a manutenção de tradições e saberes ancestrais. Estes conhecimentos incluem histórias, mitos, práticas medicinais e conhecimentos ecológicos, que são passados de geração em geração através da fala (Melquiades, 2020). No ensino de filosofia, a oralidade permite uma interação mais dinâmica entre professor e aluno. Através do diálogo, os alunos podem expressar suas dúvidas, testar suas ideias e receber feedback imediato. Esta troca verbal enriquece o processo de aprendizado, tornando-o mais participativo e colaborativo. A oralidade não é apenas um meio de transmitir informações, mas também um modo de engajar os estudantes de maneira ativa no processo de construção do conhecimento (Miranda, 2021).

A oralidade tem a vantagem de ser mais acessível. Em contextos onde o acesso a livros e materiais escritos é limitado, a oralidade pode garantir que o conhecimento filosófico seja transmitido e preservado. Além disso, a prática de discutir ideias em voz alta pode ajudar a consolidar o aprendizado e a desenvolver habilidades de comunicação que são valiosas em muitas esferas da vida (Melquiades, 2020). Na tradição filosófica ocidental, muitos dos grandes debates e avanços intelectuais ocorreram em ambientes orais, como as academias e os liceus da Grécia Antiga. Estes espaços eram dedicados à discussão aberta e à troca de ideias, e a oralidade era o meio principal de comunicação. Este modelo de aprendizado destacou a importância do debate e da retórica na formação de filósofos. A oralidade também influencia a criação de uma comunidade de aprendizado de forma que, ao envolver-se em discussões filosóficas, os estudantes adquirem conhecimento e formam laços sociais e intelectuais com seus pares e professores. Esta comunidade de aprendizado contribui para o desenvolvimento de um pensamento filosófico profundo e colaborativo (De Brose, 2020).

Além disso, a oralidade permite a adaptação imediata às necessidades e interesses dos alunos. Em um ambiente de sala de aula, o professor pode ajustar suas explicações e exemplos com base nas

reações e perguntas dos alunos, tornando o ensino mais responsivo e eficaz. Este *feedback* imediato é uma das grandes vantagens da oralidade sobre a escrita. A prática da oralidade também desenvolve habilidades de escuta ativa. Para participar de discussões filosóficas, os alunos devem aprender a ouvir atentamente, a considerar diferentes pontos de vista e a formular respostas ponderadas. Estas habilidades são importantes para a filosofia e para a vida cotidiana e para o exercício da cidadania (Silva Filho, *et al.*, 2019).

A oralidade na filosofia também permite a personalização do ensino. Professores podem adaptar suas abordagens e explicações para atender às necessidades específicas de seus alunos, criando um ambiente de aprendizado mais inclusivo e eficaz. Esta flexibilidade é uma das grandes forças da oralidade como método de ensino. Além disso, a oralidade facilita a memória e a retenção de informações. A natureza interativa da oralidade ajuda os alunos a internalizar o conhecimento de maneira mais eficaz do que a simples leitura ou escuta passiva (Miranda, 2021). No contexto da filosofia, a oralidade também promove a criatividade e a inovação. O processo de discussão e debate incentiva os alunos a explorar novas ideias, questionar pressupostos e desenvolver argumentos originais. Esta dinâmica de troca verbal ajuda no progresso filosófico e intelectual e tem um papel importante na preservação e transmissão de culturas filosóficas não ocidentais. Em muitas tradições filosóficas, como as africanas e indígenas, a oralidade é o principal meio de transmissão de conhecimento. Valorizar e integrar estas tradições orais no ensino de filosofia pode enriquecer a disciplina e promover uma perspectiva mais global e inclusiva (De Brose, 2020).

A oralidade pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão e a justiça social. Ao valorizar a fala e a escuta, a oralidade pode dar voz a grupos e indivíduos que historicamente foram marginalizados ou excluídos do discurso filosófico. Esta democratização do ensino de filosofia pode contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa. A importância da oralidade também é evidenciada no desenvolvimento das habilidades de argumentação. A prática regular de debates e discussões ajuda os alunos a construir e defender suas ideias de maneira lógica e persuasiva. Esta habilidade contribui para a filosofia, bem como para muitas outras áreas profissionais e acadêmicas (Miranda, 2021).

3 A TRADIÇÃO ORAL NA FILOSOFIA ANTIGA

A tradição oral, na filosofia antiga, foi a principal forma de transmissão de conhecimento antes da disseminação da escrita e, no contexto da Grécia Antiga, a oralidade era o meio predominante de comunicação e ensino, com os filósofos utilizando o discurso e o diálogo para comunicar suas ideias. Essa prática não só facilitava a disseminação do conhecimento, mas também permitia um aprendizado mais dinâmico e interativo (Cintra, 2022). Um exemplo clássico do uso da tradição oral é Sócrates, um dos filósofos mais influentes da antiguidade. Ele não deixou nenhum escrito próprio, mas seus ensinamentos foram transmitidos através dos diálogos registrados por seus discípulos, especialmente

Platão. Sócrates acreditava que a verdade podia ser alcançada por meio do diálogo e da refutação, processo que ele chamava de maiêutica. Esta abordagem socrática destacava a importância da oralidade como método de investigação filosófica (Junior, 2019).

Platão, discípulo de Sócrates, também valorizava a tradição oral, apesar de ter deixado uma vasta obra escrita. Em seus diálogos, Platão retrata Sócrates engajado em discussões filosóficas, preservando assim a essência do método oral. Além disso, Platão fundou a Academia, onde o ensino oral e o debate eram práticas centrais. A oralidade não era somente um meio de transmissão de conhecimento, mas um método pedagógico importante na Academia (Nunes, 2022). Da mesma forma, Aristóteles, aluno de Platão, continuou a tradição de ensino oral na sua escola, o Liceu. Embora Aristóteles tenha produzido numerosos escritos, suas aulas eram caracterizadas por discussões e debates com seus alunos. Ele acreditava que o diálogo era necessário para o desenvolvimento do pensamento crítico e da compreensão profunda dos conceitos filosóficos. A tradição oral, assim, desempenhou um papel central na formação dos estudantes de filosofia (Cintra, 2022).

Além da Grécia, a tradição oral também era importante em outras culturas filosóficas antigas. Na Índia, por exemplo, os ensinamentos filosóficos eram transmitidos oralmente através dos *Vedas* e *Upanishads*, textos sagrados que foram memorizados e recitados por gerações de mestres e discípulos. Esta prática garantiu a preservação e a continuidade do conhecimento filosófico ao longo dos séculos. A tradição oral era uma característica comum a várias culturas filosóficas antigas (Negreiros et al., 2023).

Os pré-socráticos, como Heráclito e Parmênides, também faziam uso da oralidade para transmitir suas ideias. Embora alguns de seus fragmentos tenham sobrevivido na forma escrita, a maior parte de seus ensinamentos era transmitida oralmente. Estes filósofos usavam o discurso poético e a metáfora para comunicar suas visões de mundo, destacando a riqueza e a complexidade da tradição oral na filosofia antiga (Cintra, 2022). Similarmente, na China antiga, a filosofia confucionista também era transmitida principalmente de forma oral. Confúcio, assim como Sócrates, não deixou escritos próprios, mas seus ensinamentos foram preservados por seus discípulos através de registros orais. A tradição oral contribuiu para a disseminação dos ensinamentos confucionistas, que continuaram a influenciar a cultura e a filosofia chinesas por milênios (Negreiros et al., 2023).

Ademais, a tradição oral na filosofia antiga facilitava a adaptação e a evolução das ideias filosóficas. Como os ensinamentos eram transmitidos de mestre para discípulo através do diálogo, havia espaço para a interpretação e a reformulação das ideias. Este processo dinâmico permitia que a filosofia evoluísse e se adaptasse às novas realidades e contextos culturais. A oralidade contribuía para a vitalidade e a relevância contínua da filosofia antiga (Nunes, 2022). Além disso, a oralidade tinha uma função social importante na filosofia antiga. Os encontros filosóficos, muitas vezes realizados em espaços públicos como a *Ágora* em Atenas, eram eventos sociais onde as pessoas se reuniam para ouvir, discutir e debater ideias. Estes encontros não só promoviam a disseminação do conhecimento filosófico,

mas também fortaleciam os laços sociais e a coesão comunitária. A tradição oral, assim, era um elemento central da vida social e intelectual na antiguidade (Junior, 2019). Outro aspecto a ser considerado é que a tradição oral na filosofia antiga permitia uma maior acessibilidade ao conhecimento. Em uma época em que a alfabetização era limitada, a oralidade possibilitava que um número maior de pessoas tivesse acesso aos ensinamentos filosóficos. Mestres e discípulos podiam compartilhar e disseminar ideias sem a necessidade de textos escritos, favorecendo o acesso ao conhecimento e ampliando o impacto da filosofia (Medeiros, 2019).

Consequentemente, a oralidade, na filosofia antiga, também incentivava a participação ativa dos alunos. O método dialógico de ensino, utilizado por Sócrates e outros filósofos, exigia que os alunos fossem participantes ativos no processo de aprendizagem, formulando perguntas, levantando objeções e contribuindo com suas próprias ideias. Este engajamento ativo promovia um aprendizado mais profundo e significativo (Junior, 2019).

4 A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NO PENSAMENTO FILOSÓFICO CONTEMPORÂNEO

A oralidade, embora menos predominante na era contemporânea, continua a exercer uma influência significativa no pensamento filosófico moderno. Esta influência pode ser observada em várias áreas da filosofia, desde a pedagogia até a metodologia de pesquisa, e é necessária para a compreensão das dinâmicas de ensino e transmissão de conhecimento filosófico. Um dos principais exemplos da influência da oralidade na filosofia contemporânea é a prática do ensino dialógico. Inspirado pelo método socrático, o ensino dialógico enfatiza a importância da interação verbal entre professor e aluno. Esta abordagem não só facilita a compreensão de conceitos complexos, mas também promove o desenvolvimento do pensamento crítico e da habilidade de argumentação. A tradição de debates e seminários filosóficos em universidades contemporâneas é uma manifestação clara dessa herança oral (Ferreira; Pereira, 2023). Ademais, a oralidade contribui para preservar e transmitir tradições filosóficas não ocidentais de forma que, em muitas culturas, o conhecimento filosófico ainda é transmitido principalmente através de práticas orais, como histórias, provérbios e diálogos, representando uma continuidade da tradição oral que é vital para a diversidade e riqueza do pensamento filosófico global e permitindo que vozes e perspectivas variadas sejam ouvidas e valorizadas. Outro aspecto importante da influência da oralidade no pensamento filosófico contemporâneo é a valorização da retórica. A habilidade de comunicar ideias de maneira clara e persuasiva é necessária para filósofos que buscam influenciar debates públicos e políticos. A tradição retórica, que tem suas raízes na oralidade, continua a ser uma ferramenta poderosa no arsenal de muitos filósofos contemporâneos (Da Silva; Soares, 2020).

Além disso, a prática de conferências e palestras exemplifica a continuidade da tradição oral na filosofia moderna. Grandes filósofos contemporâneos, como Jacques Derrida e Michel Foucault, usaram palestras e seminários como meios principais de disseminação de suas ideias. Essas apresentações orais

permitem uma interação direta com o público, possibilitando uma troca dinâmica de ideias que é menos presente em textos escritos. A oralidade também atua na construção e manutenção de comunidades filosóficas. Encontros, simpósios e congressos filosóficos são eventos onde o discurso oral é a principal forma de comunicação e troca de ideias. Esses eventos facilitam a disseminação do conhecimento, assim como promovem a formação de redes de colaboração e amizade entre filósofos (Souza, 2022).

Consequentemente, a tradição oral influencia a metodologia de pesquisa filosófica contemporânea. Muitos filósofos utilizam entrevistas, diálogos e discussões como parte de sua metodologia de investigação, valorizando a contribuição das perspectivas orais para a construção do conhecimento. Esta abordagem dialógica enriquece a pesquisa filosófica, proporcionando uma dimensão mais viva e interativa. A influência da oralidade também pode ser vista na filosofia política contemporânea. Debates públicos, discursos políticos e assembleias são espaços onde a tradição oral é central. Filósofos que se envolvem com questões de justiça social, democracia e direitos humanos frequentemente utilizam a oratória como meio para mobilizar apoio e provocar mudanças sociais (Ferreira; Pereira, 2023).

A oralidade não é apenas um meio de transmissão de conhecimento, mas também uma ferramenta para a ação social e política. Filósofos contemporâneos como Martha Nussbaum e Cornel West exemplificam como a oratória pode ser usada para abordar questões sociais urgentes e engajar o público em discussões filosóficas significativas. Além disso, a influência da oralidade se estende ao campo da ética. Discussões éticas frequentemente envolvem a deliberação oral, onde diferentes perspectivas são apresentadas e debatidas. Esta prática dialogal é importante para a construção de consensos éticos e para a resolução de dilemas morais complexos. A oralidade, assim, facilita uma abordagem mais inclusiva e participativa à ética (Da Silva; Soares, 2020).

No contexto da educação filosófica, a oralidade continua a ser uma ferramenta pedagógica valiosa. Professores de filosofia utilizam discussões em sala de aula, debates e apresentações orais para engajar os alunos de maneira ativa e participativa. Esta abordagem não só facilita a compreensão dos conceitos filosóficos, mas também desenvolve habilidades de pensamento crítico e argumentação. A tradição oral também tem um impacto significativo na filosofia da linguagem. Filósofos como J.L. Austin e John Searle, que desenvolveram a teoria dos atos de fala, destacaram a importância da linguagem falada na comunicação e na construção da realidade social. A oralidade é central para a compreensão de como a linguagem funciona e como ela é usada para realizar ações no mundo (De Souza; Alves, 2024).

Adicionalmente, a prática da filosofia oral pode ser observada em formatos contemporâneos de mídia, como *podcasts* e vídeos *online*. Esses formatos permitem que filósofos alcancem um público mais amplo e diverso, democratizando o acesso ao conhecimento filosófico. A popularidade de plataformas como *YouTube* e outras que abrigam *podcasts* filosóficos demonstra a relevância contínua da oralidade na disseminação de ideias filosóficas. A influência da oralidade também se manifesta na

filosofia experimental, um campo emergente que combina métodos empíricos com a análise filosófica. Pesquisadores neste campo frequentemente utilizam entrevistas e grupos de discussão para coletar dados, valorizando as contribuições orais para a investigação filosófica. Esta abordagem interdisciplinar enriquece a pesquisa filosófica e promove uma compreensão mais abrangente e inclusiva dos fenômenos estudados (De Souza; Alves, 2024).

5 TRADIÇÃO ORAL NA VISÃO DO FILOSÓFO HAMPATE BÁ

Amadou Hampâté Bâ, um destacado intelectual e escritor maliano, é amplamente reconhecido por seu compromisso com a preservação e valorização da tradição oral africana. Nascido em 1901 em Bandiagara, no atual Mali, Hampâté Bâ viveu em um período de transição e transformação na África Ocidental, quando as influências coloniais europeias estavam em pleno vigor. Ele dedicou grande parte de sua vida a documentar e promover as tradições orais de sua cultura, acreditando firmemente que a oralidade é uma forma vital de transmissão de conhecimento e identidade cultural (Ki-Zerbo *et al.*, 2010). Segundo Hampâté Bâ, a tradição oral tem um significado importante na sociedade africana, não somente como um meio de comunicação, mas enquanto um veículo para a preservação da história, da moral e dos valores culturais. Ele argumentava que, em muitas sociedades africanas, o conhecimento era transmitido de geração em geração através da palavra falada, em vez de registros escritos. Isso incluía histórias, mitos, lendas, provérbios e ensinamentos filosóficos que eram memorizados e recitados por *griots*, ou contadores de histórias, que ocupavam um papel central na cultura (De Oliveira; De Lima Farias, 2019).

Hampâté Bâ destacava que a tradição oral não era apenas um método de comunicação, mas um sistema completo de educação e socialização. As histórias contadas pelos *griots* não só transmitiam informações factuais, mas também ensinavam lições morais, orientavam comportamentos e reforçavam a coesão social. Para ele, cada conto, fábula ou provérbio carregava um significado profundo e múltiplas camadas de interpretação, que eram reveladas através da interação e do diálogo (Marques, 2017). Ele também enfatizava que a oralidade permitia uma flexibilidade e adaptabilidade que a escrita muitas vezes não possuía. Na visão de Hampâté Bâ, as histórias orais podiam ser ajustadas e modificadas para se adequar ao contexto e às necessidades da audiência. Isso permitia que a tradição oral permanecesse viva e relevante, refletindo as mudanças na sociedade e na cultura ao longo do tempo. Essa adaptabilidade era vista como uma força vital que mantinha a tradição em constante renovação (De Oliveira; De Lima Farias, 2019).

Outro ponto relevante na visão de Hampâté Bâ era a importância da memória na tradição oral. Ele argumentava que a capacidade de memorizar e recitar longos textos era uma habilidade altamente valorizada e cultivada nas sociedades africanas. A memória não era apenas uma ferramenta para a preservação do conhecimento, mas também uma forma de honrar e respeitar as gerações passadas.

Através da memorização e recitação, os indivíduos se conectavam com seus ancestrais e com a história coletiva de sua comunidade (Baffi; Santos, 2024). Hampâté Bâ também reconhecia a importância da oralidade na construção da identidade cultural. Ele acreditava que a tradição oral ajudava a formar a base da identidade individual e coletiva, proporcionando um senso de continuidade e pertencimento. Em suas palavras, “em África, quando um velho morre, uma biblioteca inteira queima”², destacando a riqueza e a profundidade do conhecimento oral que se perde com a morte de um contador de histórias ou *griot* (De Oliveira; De Lima Farias, 2019). Além disso, Hampâté Bâ viu a tradição oral como uma forma de resistência cultural contra a colonização e a hegemonia cultural ocidental. Ele acreditava que a preservação e a valorização das tradições orais africanas eram essenciais para a afirmação da identidade africana e para a resistência contra a assimilação cultural imposta pelos colonizadores. A tradição oral, para ele, era um símbolo de resistência e resiliência cultural (Pozzi, 2018).

Hampâté Bâ também se preocupava com a marginalização da tradição oral na educação formal. Ele criticava o sistema educacional colonial por desvalorizar a oralidade e por impor uma educação baseada exclusivamente na escrita e na cultura ocidental. Para ele, era preciso integrar as tradições orais africanas no currículo educacional, valorizando-as como uma parte legítima e importante do patrimônio cultural e intelectual da África (Marques, 2017). Outro aspecto importante da visão de Hampâté Bâ era a relação entre oralidade e espiritualidade. Ele acreditava que a tradição oral estava intimamente ligada às práticas espirituais e religiosas africanas. Os contos e mitos transmitidos oralmente frequentemente continham elementos espirituais e ensinamentos religiosos, e os *griots* muitas vezes desempenhavam papéis importantes em cerimônias e rituais. A oralidade, portanto, era vista como um meio de conectar o mundo material ao mundo espiritual (Baffi; Santos, 2024).

Hampâté Bâ também abordava a questão da autenticidade na tradição oral. Ele argumentava que, embora as histórias orais fossem frequentemente modificadas e adaptadas, essa flexibilidade não comprometia sua autenticidade. Pelo contrário, ele via essa adaptabilidade como uma característica inerente da tradição oral, que permitia que ela permanecesse viva e relevante. Para ele, a autenticidade da tradição oral residia na sua capacidade de evoluir e se transformar em resposta às mudanças sociais e culturais (De Oliveira; De Lima Farias, 2019). Ele também destacava a importância da performance na tradição oral. A transmissão oral do conhecimento não era apenas uma questão de recitação, mas envolvia uma performance completa, com gestos, expressões faciais e entonações que enriqueciam a narrativa. Os *griots* eram contadores de histórias e artistas performáticos que traziam as histórias à vida de maneira dinâmica e envolvente (Pozzi, 2018).

Hampâté Bâ sublinhava a importância da oralidade na transmissão de conhecimentos práticos e técnicos. Ele observava que, em muitas sociedades africanas, habilidades como agricultura, medicina tradicional, artesanato e navegação eram transmitidas oralmente de geração em geração. A oralidade,

² Frase proferida pela primeira vez por Hampâté Bâ em primeiro de dezembro de 1960, em Paris, durante a conferência da UNESCO daquele ano.

assim, não se limitava à transmissão de mitos e histórias, mas abrangia um vasto campo de conhecimentos práticos essenciais para a vida cotidiana (Baffi; Santos, 2024). Segundo Hampâté Bâ, era seu papel na resolução de conflitos e na manutenção da harmonia social. Ele destacava que muitas sociedades africanas utilizavam histórias e provérbios como ferramentas para mediar conflitos e promover a reconciliação. A tradição oral fornecia uma linguagem comum e um conjunto de valores compartilhados que facilitavam a comunicação e a resolução pacífica de disputas (Marques, 2017).

Finalmente, Hampâté Bâ defendia a importância de documentar e preservar a tradição oral africana. Ele próprio dedicou grande parte de sua vida a coletar e registrar histórias, mitos e provérbios de sua cultura, reconhecendo a ameaça de desaparecimento que essas tradições enfrentavam diante da modernização e da globalização. Ele acreditava que a documentação da tradição oral contribuía para garantir que as futuras gerações pudessem acessar e valorizar esse rico patrimônio cultural (Ki-Zerbo et al., 2010).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este artigo destacou a importância da oralidade e da tradição no ensino da filosofia, evidenciando como essas práticas têm sido essenciais na formação e transmissão do conhecimento filosófico ao longo da história. Desde os tempos antigos, onde filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles utilizavam o discurso oral como principal meio de engajamento intelectual, até os dias atuais, a oralidade permanece uma ferramenta vital para o desenvolvimento do pensamento crítico e da argumentação. Através da análise de diferentes períodos históricos e culturais, fica claro que a oralidade preserva, adapta e revitaliza as ideias filosóficas, garantindo sua relevância contínua. O estudo da tradição oral em diferentes culturas filosóficas, como as da Índia e da China, revelou a diversidade e a riqueza que essas práticas trazem ao pensamento filosófico global. A transmissão oral de textos sagrados e ensinamentos filosóficos em culturas não ocidentais demonstra como a oralidade pode servir como um meio poderoso de preservação e adaptação cultural. Essas tradições oferecem perspectivas únicas que enriquecem o diálogo filosófico contemporâneo e ressaltam a importância de valorizar e integrar diferentes formas de conhecimento no ensino da filosofia.

Por fim, a investigação sobre o papel da oralidade na construção de comunidades filosóficas e no fortalecimento da participação democrática sublinhou a importância dos debates e discursos orais como ferramentas para a deliberação pública e a promoção da justiça social. A oralidade não é apenas um meio de transmissão de conhecimento, mas também uma ferramenta que contribui para o engajamento cívico e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Reconhecer e valorizar a oralidade no ensino da filosofia contribui para garantir a continuidade e a vitalidade dessa disciplina, promovendo uma educação mais rica, diversificada e acessível para todos.

REFERÊNCIAS

BAFFI, Daniela Landin; SANTOS, Luciene Souza. Num velho cofre, o tesouro da tradição oral. **Contação de Histórias e Oralidades-CHO**, 2024, 2.1: 30-42.

CINTRA, Rodrigo Suzuki. **Filosofia antiga**. Editora Senac São Paulo, 2022.

DA SILVA, Carlos Alberto Silva; SOARES, Rosana. A filosofia da ancestralidade na Educação das Relações Étnico-raciais nas universidades catarinenses. **Perspectiva**, v. 38, n. 1, p. 1-13, 2020.

DA SILVA, Carlos Alberto Silva; SOARES, Rosana. A filosofia da ancestralidade na Educação das Relações Étnico-raciais nas universidades catarinenses. **Perspectiva**, v. 38, n. 1, p. 1-13, 2020.

DE BROSE, Robert. Oralidade e poesia oral: paradigmas para a definição de uma oratura grega antiga. **Revista Conexão Letras**, v. 15, n. 24, 2020.

DE OLIVEIRA, Julvan Moreira; DE LIMA FARIAS, Kelly. “Só quem sabe onde é Luanda saberá lhe dar valor”: a tradição oral como herança ancestral. **Revista Internacional de Filosofia**, 2019.

DE SOUZA, Paula Oliveira; ALVES, Tarso Ferreira. MNEMOSINE E APRENDIZAGEM: Uma Breve Reflexão sobre a Memória a partir do Fedro de Platão e sua relação com a Contemporaneidade. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 24, n. 1, p. FI03-FI03, 2024.

DIAS, Aline Franco; VIEIRA, Victor José. **A tradução e legendagem de Historietas Assombradas (para Crianças Malcriadas)**: um caso a favor da oralidade na legendagem. Universidade de Brasília, 2020.

FERREIRA, Luciana Genevan da Silva Dias; PEREIRA, Elaine Cristina Andrade. Oralidade, escrita e leitura na educação básica: reflexões a partir da literatura cabo-verdiana. **Cadernos Cespuc de Pesquisa Série Ensaios**, p. 48. 2023.

JUNIOR, José Proveti. Arístocles de Atenas: do platonismo–o poeta e o filósofo. **IF-Sophia: Revista Eletrônica de Investigações Filosófica, Científica e Tecnológica**, v. 5, n. 18, p. 08-20, 2019.

KI-ZERBO, Joseph et al. **História Geral da África (Vol. I)**: Metodologia e pré-história da África. Unesco, 2010.

MARQUES, Janote Pires. Além da história, a tradição oral: considerações sobre o ensino de história da África na educação básica. **Educação & Formação**, 2017, 2.5: 164-182.

MEDEIROS, Loan dos Santos. **Entre o exercício espiritual e a dissertação filosófica**: A escrita no ensino de Filosofia no ensino médio. Universidade Federal do Ceará, 2019.

MELQUIADES, Maria do Carmo Guedes. **Propostas transdisciplinares de uso da oralidade, da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental**. Universidade Federal da Paraíba, 2020.

MIRANDA, Ana Paula dos Santos Gonçalves. **Práticas de ensino**: a importância da oralidade em sala de aula para a formação de leitores críticos". 2021. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

NEGREIROS, Regina Coeli Araújo Trindade. **Ubuntu**: ancestralidade e espiritualidade na perspectiva de uma filosofia africana. 2023. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/29910>.

NUNES, César. **Aprendendo filosofia**. Papirus Editora, 2022.

POZZI, Jéssica de Souza. **Tem coisas que não se dizem!**: a tradição oral antilhana e seus não-ditos: análise do conto Julina, transscrito e traduzido por Ina Césaire. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Curso de Letras: Português e Francês: Licenciatura, 2018.

SILVA FILHO, Izalfran Amaro da et al. **O RPG na sala de aula**: uma proposta de ensino da oralidade por meio da abordagem neurolinguística. Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

SOUZA, Elisabeth Maria de. **A Paideia na atividade pedagógica do filósofo**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/39083>.